

FERRAMENTAS DE GESTÃO, EMPREENDEDORISMO RURAL E AÇÕES PEDAGÓGICAS: DEMANDA OU ALTERNATIVA À JUVENTUDE?

MANAGEMENT TOOLS, RURAL ENTREPRENEURSHIP AND PEDAGOGICAL ACTIONS: YOUTH DEMAND OR ALTERNATIVE?

Neivânia Theodoro¹

RESUMO

Tendo em vista os dados que indicam o esvaziamento e a diminuição da juventude no campo (IBGE, 2019), foram analisados dois cursos de capacitação de jovens lideranças rurais – o programa Ação Jovem Rural da Epagri; e o Alfa Jovem da Cooperalfa – baseados no campo empírico da Região Oeste de Santa Catarina. Na última década, os cursos foram construídos a partir de uma demanda frente aos processos de transformação das relações de mercado e das estratégias de sucessão familiar. Além disso, estes espaços se anunciam como alternativas ao/a jovem para tornar a agricultura um fator de atração à sua permanência no campo. O estudo tem como fontes: relatórios e documentos, os conteúdos programáticos dos cursos, os meios de comunicação – Rádio Alfa, Revista Cooperalfa, *Podcast* Argumento, portal de publicações Epagri, sites e canais oficiais de Youtube das respectivas instituições – e a participação em eventos, como a feira agropecuária e palestras online, e aulas dos cursos ofertados em ambas as instituições do universo rural investigado. Analisa-se como se mobilizam as práticas discursivas e a dimensão de influência destes cursos tanto na socialização como na inserção no mercado de trabalho. Numa leitura bourdieusiana, observa-se a existência de critérios de distinção e hierarquização nas ações institucionais, em que tais critérios operam de modo a unificar ao mesmo tempo em que separam a juventude com formas de inserção e posições diferenciadas no mercado. Por sua vez, outras manifestações dos/das jovens são silenciadas e/ou reduzidas ao âmbito econômico-financeiro do que se entende ser jovem na perspectiva do empreendedorismo rural.

PALAVRAS-CHAVE: juventude; meio rural; sucessão familiar; mercado; ação pedagógica.

ABSTRACT

Considering the data that indicate the reduction of the youth working as farmers (IBGE), two training courses for young rural leaders were analyzed – the Ação Jovem

¹ Mestre em Sociologia e Ciência Política e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É integrante do Núcleo de Sociologia Econômica – NUSEC/UFSC. E-mail: neivania.theodoro@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2002-4504>.

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

Rural program by Epagri; and Cooperalfa's Alfa Jovem – based on the empirical field of the West Region of Santa Catarina. In the last decade, the courses were built based on a demand in the face of the processes of transformation of market relations and family succession. In addition, these spaces are announced as alternatives for young people to turn agriculture into an attractive factor for their stay in the countryside. The study has as sources: reports and documents, the syllabus of the courses, the communication media – Radio Alfa, Revista Cooperalfa, Podcast Argumento, Epagri publications portal, websites, and official YouTube channels of the respective institutions – and the participation in events, such as the agricultural fair and online lectures, and classes of the courses offered in both institutions of the investigated rural universe. The way how discursive practices are mobilized and the dimension of influence of these courses both in socialization and insertion in the labor market are analyzed. Based in a bourdieusian perspective, the existence of criteria of distinction and hierarchization in institutional actions is observed, in which such criteria operate in order to unify and, at the same time, separate youth with forms of insertion and differentiated positions in the market. In turn, other manifestations of the youth are silenced and/or reduced to the economic-financial scope of what is meant by being young from the perspective of rural entrepreneurship.

KEYWORDS: youth; countryside; family succession; market; pedagogical action.

INTRODUÇÃO

A abordagem sobre o problema da saída da juventude do meio rural é amplamente debatida nos estudos rurais. Os dados demonstram como persiste essa realidade de crescimento do envelhecimento e esvaziamento da juventude no campo (IBGE, 2006; IBGE, 2019)², sobretudo, frente às transformações intensificadas a partir da modernização da agricultura no Brasil, como apontam pesquisas sociológicas (ABRAMOVAY *et al.*, 1998; SILVESTRO *et al.*, 2001). O aumento da complexidade das relações – tanto do mercado, que se dispõe no espaço econômico-financeiro, quanto da cidade e do campo, cuja demarcação espacial se torna, por vezes, indefinível – vai além da configuração demográfica e se amplifica de acordo com um conjunto de possibilidades e posições no espaço social (BOURDIEU, 2004a; CASTRO *et al.*, 2009).

² O Censo Agropecuário de 2017 revela que a população jovem que vive no meio rural com menos de 25 anos é de aproximadamente 1,97% e de 25 a 35 anos em torno de 8,71%. Por seu lado, a população com idade entre 55 e 65 anos é de 24,17%, o que indica um cenário de envelhecimento no campo e esvaziamento da juventude. Na mesma linha, a população rural catarinense com menos de 25 anos representa apenas 1,29%, e na Região de Chapecó a estimativa é mais baixa, com aproximadamente 0,84% de jovens que vivem no campo (IBGE, 2019).

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

Com efeito, considera-se a realidade empírica da Região Sul, marcada pela presença da agricultura familiar, organizada economicamente em cooperativas agrícolas e que mantém um forte apelo ao espírito tradicional, em um sentido que reforça a relação entre a ética religiosa e a produção econômica baseada no lucro e na expansão da cooperativa, assim como o tradicionalismo que perpassa outros âmbitos da vida (WEBER, 2004). Nesse contexto rural, percebe-se a existência de um dilema intergeracional entre pais e filhos sobre a maneira como vivenciam tais processos: uma geração anterior vivenciou a entrada no mercado agrícola e o acesso ao crédito; a geração atual deseja poder consumir, estar conectada às tecnologias e redes sociais com frequência e quer liberdade nos finais de semana para descanso e lazer.

Nos anos 2000 em diante, com o pacote da Revolução Verde já estabelecido, processa-se um período de intensificação de novas tecnologias na e para as atividades de produção agropecuária e que demanda uma adaptação para a permanência do estabelecimento produtivo no mercado, principalmente no agronegócio. Além de outros aspectos não estruturais que apresentam pouca estabilidade às gerações de jovens da atualidade, o que as obriga a se adaptar a uma visão de não linearidade sobre o tempo de vida e o mercado de trabalho. Nessas circunstâncias, nos questionamos sobre como se constituem os agentes econômicos no mundo rural, enquanto dotados de disposições de conduta adaptadas às condições de existência, inseridos no processo histórico, econômico, político, social e ambiental compartilhado (BOURDIEU, 2004a; BRUMER, 2007).

Em vista disso, este artigo traz uma discussão sobre a mediação de contextos institucionais que atuam como componentes que influem nas narrativas de sucessão da propriedade familiar, nesse caso, através da implementação de cursos de capacitação de jovens que vivem no meio rural, localizados na Região Oeste de Santa Catarina³. A saber: o curso do programa “Ação Jovem Rural” oferecido pelo Estado através da Epagri⁴; e o curso do programa “Alfa Jovem” oferecido pela Cooperativa Cooperalfa (Chapecó/SC). Ambas as instituições anunciam seus programas de capacitação de jovens lideranças no meio rural com o intuito de tornar atrativa a ideia de permanência

³ O artigo deriva de uma pesquisa de dissertação, financiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

⁴ Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina.

no campo. Observa-se ainda a existência de um imaginário ligado ao que poderia ser esse/essa jovem pela perspectiva do empreendedorismo rural, apagando outros aspectos da vivência desse público. Os cursos são entendidos aqui como meios de comunicação e de transmissão de conhecimento e, como tais, é possível a partir dos estudos de Bourdieu indicar que operam como mecanismos de relações de dominação que são vivenciadas e percebidas como legítimas e que produzem integração e consenso (BOURDIEU, 2004b; BOURDIEU, PASSERON, 2008).

Na prática, as duas experiências de cursos de capacitação de jovens rurais dispõem de ferramentas de gestão eficazes na atual conjuntura do mercado agropecuário⁵. Foram analisadas fontes documentais e audiovisuais publicadas nas redes de comunicação das instituições, que dão suporte a este artigo, destacamos: o Jornal/Revista O Cooperalfa, no período de 2010 a 2020; os respectivos websites e canais de Youtube da Cooperalfa e da Epagri; livros e artigos científicos produzidos pelos profissionais e técnicos das próprias instituições e, ainda, foram acompanhados eventos realizados – como uma feira agropecuária, palestras realizadas tanto com pesquisadores convidados pela Cooperalfa, como pelos pesquisadores da Epagri – e algumas aulas dos cursos citados durante o período da pesquisa (2019-2021) de modo presencial e online. Igualmente, nos atentamos aos discursos mobilizados no material de apoio dos dois programas de capacitação institucionais e nos meios de comunicação voltados aos/as jovens rurais. De maneira específica, os modelos de cursos estudados englobam planejamento e controle de processos gerenciais e financeiros, assim como recursos de desenvolvimento pessoal e interpessoal, aspectos que declaram garantir o bom desempenho da empresa rural.

Em contato com as coordenações das iniciativas pedagógicas, elas salientam a importância de considerar as novas habilidades da juventude atual, completamente diferente da geração anterior, como a utilização de novos recursos e tecnologias, sem diminuir o conhecimento pregresso. As duas experiências de cursos também se

⁵ Na conjuntura de produção, dentre outros fatores, há o melhoramento genético de animais e plantas e o aumento do uso de insumos agrícolas que aceleram o desenvolvimento e o manejo com o/os produto/os, tais como o uso de fertilizantes, inseticidas e/ou agrotóxicos, resultando em maiores rendimentos e produtividade de mercado. Na perspectiva sociológica, como veremos, a conjuntura indica a intensificação das tecnologias de produção agropecuária e as demandas de visão de empreendedorismo rural para o uso de ferramentas de gestão decorrentes do mercado. Em consequência, adquire-se a tendência de tratar tudo como empresa, desde a propriedade rural familiar até os/as produtores rurais.

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

apresentam como propostas de construção de alternativas para o mundo rural. Desse modo, declaram valorizar as distintas experiências geracionais, assim como alertam para um mercado exigente em novos conhecimentos de práticas de gestão.

Por suas formas discursivas e seus interesses, a expressão em torno do fortalecimento do mercado agropecuário no estado de Santa Catarina desvela as nuances da luta de poder pelo uso dos critérios postos a classificar a realidade e, nela, o que viria a ser uma “juventude rural” e as demandas do que é necessário para validar-se como um jovem rural “bem-sucedido”, ainda que de modo discreto, conservando a dominação institucional do campo, como apresentado por Fligstein (2001) e Bourdieu (2008).

Como veremos, tais ações institucionais mantêm a intenção de atenuação de conflitos geracionais, de modo a facilitar a adaptação das novas estruturas de produção, levando em conta fatores extraeconômicos (GARCIA, 2010). Nesse sentido, seguindo as pistas bourdieusianas, este artigo compreende uma discussão visando a seguinte estrutura: na primeira parte as relações entre mercado, mundo rural e juventude, contextualizando tanto o campo empírico quanto o referencial teórico empregado. Na segunda parte, a formação e capacitação da juventude rural na discussão dos processos educacionais; com a subsequente análise específica de uma das instituições, a Cooperalfa, na produção de consenso através das práticas discursivas e os resultados obtidos.

1 AS RELAÇÕES EM CAMPO: MERCADO, MUNDO RURAL E JUVENTUDE

Na realidade rural brasileira, ainda no século XX, ocorre uma grande expansão e investimentos na produção de conhecimentos técnicos e na pesquisa agrícola como um todo que se deu, principalmente, a partir do movimento de instalação da extensão rural norte-americana. Durante o período do governo militar, num acordo entre MEC-USAID⁶, o ensino no Brasil conta com uma reforma baseada no tripé ensino-pesquisa-extensão rural seguindo os padrões definidos pelos EUA. Esse movimento de importação do mercado intelectual agropecuário passa a atuar sistematicamente na

⁶ Ministério da Educação do Brasil (MEC) e Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID).

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

inculcação de um sistema de princípios e práticas para o desenvolvimento da chamada modernização da agricultura (OLINGER, 2020; MAZON, 2016).

Nessa direção, o emergente modelo estadunidense se expandia com a criação de instituições da agricultura e de escolas agrícolas orientados pelo princípio de empreendedorismo rural. Tais medidas de extensão rural pretendiam elevar o nível de produtividade da agricultura familiar brasileira e fornecer conhecimento moderno, com um discurso fundamentado na constituição de um novo sujeito. Este processo implicava colocar em segundo plano o conhecimento tradicional e as práticas agrícolas anteriormente praticadas por estes agricultores. Com efeito, se estabeleciam crenças no desenvolvimento e na condição de crescimento econômico, pautado na obtenção de novas tecnologias e inovações científicas. O pressuposto era de que todos deveriam adotar o sistema do pacote da Revolução Verde, do contrário, estariam atrasados (SILVA, 2002).

Na região Oeste de Santa Catarina, onde existe o predomínio da agricultura familiar, por volta dos anos 1960, em decorrência das mudanças impulsionadas pela modernização agrícola, houve um aumento de cooperativas e do sistema de integração, incentivado pelo poder público e apoiado pelo Banco Mundial e Banco do Brasil, com vistas a solucionar as dificuldades de escoamento e comercialização da produção agropecuária. Entre os anos 1970 e 1980, à medida que o sistema se institucionalizava mais se intensificava a construção de “complexos industriais” gerando uma inevitável reconfiguração e racionalização dos espaços rurais (MIOR, 2005).

Nos últimos anos, em levantamento realizado pela Epagri (MARCONDES *et al.*, 2019), observa-se que a reconfiguração do espaço rural evidencia um declínio de estabelecimentos agropecuários no estado de Santa Catarina – sobretudo, seguida pela reforma e expansão das fronteiras agrícolas supracitadas. Entretanto, mesmo diante da redução gradativa dos estabelecimentos agropecuários dos últimos trinta anos, os dados indicam que houve um aumento da quantidade da produção de alimentos e matérias primas, ou seja, um aumento da produtividade em áreas menores.

Os dados nos revelam que os/as agricultores/as familiares precisaram se adaptar às novas configurações do espaço rural e do mercado agropecuário. Isso significa que aqueles/as agricultores/as que resistiram, seja por escolha seja por necessidade,

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

tornaram-se mais pluriativos. Tendo em vista se adaptar, ampliam suas opções de renda com uma variedade maior de atividades provenientes de seu trabalho no meio rural – igualmente, há ainda os/as que intercalam seus expedientes de trabalho ao transitar entre a cidade e o meio rural. Uma vez que a agricultura familiar compete com grandes empresários rurais que investem em monoculturas de soja e milho, por exemplo, em maiores propriedades de terra, algumas das atividades que são tendências nos últimos anos incluem: plantas medicinais e horticultura, fruticultura, produtos artesanais e turismo rural, dentre outros.

Por consequência, se por um lado o fenômeno da agricultura gerava oportunidades de empregos nos complexos industriais, por outro lado promovia uma desarticulação social devido ao deslocamento da população rural para os perímetros urbanos, modificando a relação entre o rural e o urbano. Para exemplificar este cenário decorrente do êxodo rural, tomamos como evidência a saída da juventude do meio rural em busca de alternativas no mercado de trabalho. Este fato, como vimos, reflete no envelhecimento da população no meio rural, haja vista o aumento da expectativa de vida no mundo contemporâneo. Além disso, as estatísticas indicam que a permanência de pessoas com 60 anos ou mais é explicada pelo costume de residir no meio rural e/ou pela qualidade de vida, já que a renda da maioria não deriva de atividades agropecuárias diretas, antes de recursos de aposentadorias e pensões (IBGE, 2018; MARCONDES *et al.*, 2019).

1.1 O PROBLEMA DA SUCESSÃO GERACIONAL E O ESPAÇO SOCIAL DA JUVENTUDE NO MUNDO RURAL

Numa breve revisão da literatura encontramos indicadores de que o problema da sucessão⁷ geracional é estudado e enfrentado, de fato, em vários países. A questão que se coloca é sobre como os agentes dinâmicos, nesse caso, a juventude, encontram

⁷ A sucessão geracional ocorre quando o processo produtivo, a propriedade e o trabalho são geridos pelos indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento, e compartilham da mesma realidade e sentidos de existir, com características particulares de solidariedade. Assim, constitui-se o negócio e/ou a empresa rural ao mesmo tempo em que se produz a manutenção da organização da instituição familiar (ABRAMOVAY *et al.*, 1998).

possibilidades e soluções diversas no jogo social. Especialmente, em razão de que a definição de uma fronteira entre juventude e maturidade não passa de um jogo de manipulações: quer dizer, não são dadas, são construídas socialmente e expressam relações de poder. Isso significa que as divisões arbitrárias são sempre objeto de disputas que podem ser mobilizadas em diferentes contextos (BOURDIEU, 2019).

Da mesma maneira, numa leitura de Bourdieu (1989), é possível assinalar que o trabalho de caráter familiar somado à transmissão de saberes práticos de uma geração para outra, contempla o “habitus”, entendido como expressão do processo de socialização do agente que não está totalmente consciente, sem por isso ser inconsciente. O “habitus” significa os “sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas, predispostas a funcionar como estruturas estruturantes” (BOURDIEU, 1989, p. 61). O que equivale a dizer que muitas das atividades são desempenhadas e transmitidas de pais para filhos/as, geralmente na vida cotidiana (RENK, 2006), e atuam na dimensão do comportamento das relações familiares quer eles/elas queiram ou não, como também tais habilidades podem ser adquiridas nas relações com os bens culturais na vivência em comunidade e no sistema escolar (WACQUANT, 2017).

No caso francês, Champagne (2002) lembra que o dilema da sucessão geracional na agricultura familiar não é uma novidade. Para o sociólogo, a rejeição à atividade agrícola pode ser explicada pela recusa do modo de vida dos pais, mais do que uma questão econômica, um dilema de estilos de vida. Por outro lado, os fatores explicativos de permanência no meio rural estão ligados ao tamanho da propriedade, à capacidade de gerar renda e ao padrão de qualidade de vida (CHAMPAGNE, 2002).

Em estudo no Canadá, Handfield, Jean e Parent (2005), ao analisar casos de sucessão geracional ineficazes, a partir de entrevistas com pais e filhos, encontram motivos variados, como: o distanciamento no plano de valores e percepções diferentes das expectativas dos pais; conflitos de valores pessoais, como a ideia de sacrifício no trabalho e outros ideais morais; e problemas relacionais envolvendo dificuldade de comunicação filial e de negócios.

Outro fator que é possível ponderar no processo sucessório é o padrão patriarcal e a preferência por sucessores masculinos. Bourdieu (2009), em estudo da economia Kabila em Béarn, na França, trata da predominância masculina nos padrões de sucessão,

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

pela diferenciação na socialização das moças devido a determinantes biológicos que, conforme Bourdieu (2010), é parte da dominação masculina constituída socialmente – embora estudos recentes mostrem que essa divisão possa ser relativizada nos dias de hoje (SPANEVERELLO *et al.*, 2020; BARBOSA, 2018).

Em outro estudo, realizado no campo vinícola na França, a socióloga Marie-France Garcia (2010) destaca o aspecto das disposições familiares e mostra que a valorização da tradição da empresa familiar ostentada no discurso não significa, necessariamente, uma vantagem econômica ou mais eficiência nos negócios da produção vinícola, se comparado a outros viticultores que não são sucessores na profissão. Dessa maneira, as competências adquiridas graças à família não dispensam as competências adquiridas fora, como o capital escolar e experiência profissional em vista do êxito econômico no empreendimento. Quanto aos vinhos, produto destas relações produtivas, a hierarquia de sua notoriedade apresenta predominância do valor simbólico e cultural disposto pela família. Por último, a socialização tradicional, embora ofereça o peso do valor simbólico, não é necessariamente uma vantagem competitiva, devido aos novos princípios do mercado que fazem pressão por inovação contínua (GARCIA, 2010).

Ao se partir da questão da sucessão rural ou intergeracional, nota-se o peso da simultaneidade entre, por um lado, a expectativa do agricultor familiar em ver seus/suas filhos/filhas assumirem a liderança e continuidade das atividades produtivas na propriedade e, por outro lado, o excesso de atenção e insegurança por conta das transformações originadas das novas técnicas e demandas de mercado. Quanto a estes fatores, Garcia (2010) já havia demonstrado que implicam tanto a manutenção da propriedade rural e das tradições familiares, quanto comprometem a produção de alimentos advindos da agricultura familiar e a sustentabilidade do setor agrícola.

No cenário rural brasileiro, por sua vez, Silva (2018) ao entrevistar jovens estudantes de escolas agrícolas da Região Sul do Brasil, em Santa Catarina, destaca que 76% conhecem casos de sucessão familiar, 17% disseram não conhecer casos e apenas 6,3% afirmaram que conhecem casos de não-sucessão. É importante destacar que a dificuldade de acesso às tecnologias de comunicação seja um item relacionado a deficiências nas condições de trabalho. Apesar disso, o autor mostra que os/as jovens

que habitam as áreas rurais estão cada vez mais conectados/as e valorizam o acesso a internet, mídias sociais, e desejam ter finais de semana livre para o lazer (SILVA, 2018).

O empenho na manutenção de permanência dos/das jovens no meio rural é percebido em diferentes estratégias familiares, entre as quais se destacam: o estímulo à autonomia e liderança dos/as filhos/as frente à atividade cotidiana da empresa familiar; estratégias de ocupação laboral urbana que, em determinado momento, reconduzem os/as filhos/as às origens e à sucessão na propriedade familiar; e a estratégia de provisionamento familiar/paternal à qualificação profissional de sucessores (SPANVELLO *et al.*, 2020).

Retomando o campo empírico, podemos sinalizar que a tendência de naturalizar a sucessão familiar ocorre nas práticas discursivas das duas instituições estudadas que desenvolvem as ações pedagógicas para jovens do meio rural. Por seu turno, para a geração atual, a sucessão na profissão da agricultura é encarada como uma opção e/ou escolha para as/os jovens, o que não ocorria com as gerações anteriores. Logo, são inevitáveis as tensões entre uma geração e outra, uma vez que a herança não é apenas da propriedade rural, como também cultural, dos modos de vida. Distinguir-se dos pais e/ou até superá-los em seus diferentes modos é um desafio (ALMEIDA, 2017; BOURDIEU, 1989).

Para ilustrar, uma das alternativas de âmbito legal e favorecida pelas práticas da economia neoliberal à agricultura de base familiar é o estabelecimento do/a jovem como sócio/a da empresa rural familiar. Assim, a sucessão geracional processa-se em comum acordo na admissão dos/as envolvidos. Ou seja, assumindo uma parceria ainda em vida entre pais e filhos/as – em substituição da prática em que, geralmente, as gerações anteriores assumiam a sucessão da propriedade como patrimônio herdado dos pais. Nessa proposta há uma realocação da autoridade paterna para a autoridade organizacional do mercado. Como resultado, pais e filhos/as tornam-se parceiros e sócios da empresa rural familiar: há uma transferência legal do registro de pessoa física (CPF) da propriedade que passa a ser identificado como pessoa jurídica (CNPJ) e com uma razão social, ajustando-se às relações mais contratuais e empresariais que demandam as novas formas de gestão do mercado agropecuário.

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

Enfim, a juventude que vive no meio rural quer ser reconhecida, quer ter voz e ser incluída nos espaços sociais e de decisão, tanto na empresa rural familiar como nas esferas institucionais, econômicas e políticas que integram as atividades de trabalho da agricultura. Nesse sentido, como veremos, os cursos de capacitação de jovens lideranças rurais nos sinalizam a existência de mecanismos legais e práticas discursivas institucionais em andamento nos últimos anos, que se propõem a ações pedagógicas de inclusão e participação destes/as jovens, ainda que encontremos ambivalências.

2 AÇÕES PRÁTICAS E DISCURSIVAS DAS INSTITUIÇÕES – EPAGRI E COOPERALFA – E DO MERCADO AGROPECUÁRIO NA FORMAÇÃO DA JUVENTUDE QUE VIVE NO MEIO RURAL

Primeiramente, torna-se fundamental contextualizar a origem dos cursos de capacitação para jovens rurais em meados dos anos 60 e 70, que se deu justamente no período de implantação de um modelo de ensino, pesquisa e extensão rural da nova perspectiva entendida como a modernização agrícola: foram os Clubes 4-S, influenciados pelo programa americano Head, Heart, Hands, Health, reproduzido no Brasil como 4S (Saber, Sentir, Servir, Saúde), uma espécie de curso informal importado dos EUA junto ao modelo de Extensão Rural implantado no Brasil. Os Clubes 4-S foram atrativos especialmente para a juventude de 14 a 25 anos. À época, contribuía enquanto um mecanismo estratégico para difundir a nova concepção de desenvolvimento da agricultura, uma vez que estes/as jovens demonstravam maior predisposição de aprendizado e aderência em suas práticas no meio rural (SILVA, 2002).

Inspirados pelo programa Clubes 4S dos anos 60 e 70, os cursos de capacitação de jovens rurais criados a partir de 2010 constituem uma versão renovada de ação pedagógica. Na experiência catarinense destaca-se principalmente a Região Oeste, devido à predisposição da juventude à participação nos encontros realizados em parceria com cooperativas agrícolas, como a Cooperalfa e a extensão rural da Epagri. Vale dizer que as ações institucionais estratégicas da última década se diferenciam das anteriores na oferta de ferramentas de gestão que contribuem para estimular mudanças gradativas

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

no mercado alimentar e agroindustriais. Mesmo que as utilizem para a manutenção do *status quo* durante uma crise, que geralmente é negada, vemos também o interesse de reforçar os próprios mecanismos de dominação e influência no espaço econômico financeiro sempre mais competitivo (FLIGSTEIN, 2007).

Nesta parte da discussão, vale considerar a perspectiva sociológica para analisar a questão geracional, chamando a atenção para como se mobilizam os discursos em torno da juventude rural nas duas ações pedagógicas institucionais destinadas aos/as jovens do meio rural da região Oeste de Santa Catarina: o programa “Alfa Jovem” (criado a partir de 2010, ainda que com outra nomenclatura), pela cooperativa Cooperalfa, proposto aos/as filhos/as dos/as associados/as; e o programa “Ação Jovem Rural” (criado em 2010 e operacionalizado a partir de 2012), pela Epagri, que abrange os/as jovens de todo estado, independentemente de serem associados ou não a uma cooperativa.

Embora possuam dinâmicas similares estes dois cursos são entendidos como iniciativas diferentes e autônomas na configuração das propostas curriculares educacionais. Tais cursos de capacitação são iniciativas representativas, em sua metodologia teórica e prática, da geração atual. As iniciativas institucionais foram constituídas a partir de uma demanda de formação profissional visando à oferta de ferramentas de gestão inovadoras destinadas à juventude rural com faixa etária entre 17 a 29 anos. À vista disso, realizamos a análise dos discursos mobilizados no material de apoio disponível das ações pedagógicas citadas, nos meios de comunicação específicos que tratam da juventude rural, e encontrados em fontes documentais e audiovisuais publicadas na internet, tanto nos meios científicos quanto nas redes e mídias sociais, considerando o período de 2010 a 2021.

Pode-se, no sentido do que foi exposto acima, identificar pontos de similaridade entre os cursos: i) a exigência de apresentação de um projeto de conclusão do curso realizado em grupo – desde um plano de negócio até um projeto de pesquisa de cunho social; ii) ambos se apresentam como formação de lideranças empreendedoras de jovens rurais, com flexibilidade adaptativa nos cronogramas às necessidades e interesses de cada turma. Em se tratando da região estudada, confere-se predomínio do interesse em atividade leiteira sobre outras; iii) proporcionam viagens técnicas para conhecer outras

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

experiências consideradas bem-sucedidas, assim como visitas a feiras, serviços e cooperativas do mercado que envolve a agricultura familiar; iv) integram as propostas curriculares conteúdos como conhecimentos básicos de legislação ambiental e rural, conteúdos relacionados ao desenvolvimento pessoal e ao interpessoal – como relacionamento familiar e oratória –, gestão administrativa e financeira, planejamento da propriedade e cooperativismo; e v) todas as atividades, assim como as aulas, são realizadas sempre em grupo, de modo que rapazes e moças são igualmente capacitados para os conhecimentos e ferramentas de gestão compartilhados.

Em outra via, há pontos claros sob os quais os cursos se diferenciam. Citam-se: o curso ofertado pela Epagri oferece maiores alternativas no quesito de diversificação de produção – com temas variados como: fruticultura, apicultura, alimentação saudável e segurança alimentar, bovinocultura, produção de grãos, erva-mate, paisagismo, sustentabilidade, dentre outros –, além de contar com uma equipe de técnicos agropecuários empenhados na assistência técnica e extensão rural para projetos sustentáveis, entre outras opções com potencial inovador e de menor impacto ambiental. A pedagogia da alternância é outra medida adotada por conter um local apropriado, o CETREC (Centro de Treinamento da Epagri). Este treinamento é voltado para jovens que irão assumir o trabalho junto com a família. Conta com uma equipe de extensionistas responsáveis para receber os/as jovens rurais que desenvolvem as atividades propostas em cada turno nos três dias de encontro mensal. Além disso, as despesas de ida e volta de transporte, saída às viagens técnicas, alimentação, espaços de dormitórios e materiais utilizados nas aulas práticas são custeados pela Epagri (GERBER, 2016).

Por outro lado, é importante destacar que o curso oferecido pela Cooperalfa para capacitar os jovens se diferencia pelo destaque dado à filosofia e doutrina cooperativista, além de apresentar ferramentas de gerenciamento para controle dos negócios, estruturados em torno de uma linguagem empresarial, a partir de uma mentalidade de jovens que assumirão os negócios da família, tais como: gestão rural, gestão de projetos, gestão de recursos financeiros e gestão de si mesmo (inteligência emocional, autodesenvolvimento).

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

Cabe destacar que os/as participantes já possuem estabelecimentos familiares estáveis e com predisposição a melhorias e continuidade na atividade agropecuária. Ademais, existe uma identidade de grupo, de reconhecimento e valorização da profissão de agricultor familiar, resgatada no discurso de compromisso do empreendimento com a cooperativa, na identificação com a ideia de ser um indivíduo cooperativo. Também se destaca a padronização no uso de uniformes, materiais e mochilas com a identidade visual do curso (Alfa Jovem), como critérios de distinção do curso da Epagri e que demonstram um ordenamento e tratamento horizontal interno entre os participantes. Inclusive o local, os materiais e a alimentação nos dias de encontro do curso, a cada quinze dias, são custeados pela própria cooperativa.

Podemos aferir que é notável o interesse em comum das iniciativas institucionais na manutenção e fortalecimento da agropecuária catarinense. Na medida em que constroem discursos unificadores, como o ponto de vista de empreendedores, formam-se arranjos políticos e sociais no mercado, refletindo a capacidade de dominação e controle do poder de determinados grupos (FLIGSTEIN, 2007). Assim, através destes cursos de formação, ao dispor de ferramentas e recursos, estas organizações institucionais influenciam nas escolhas de permanência ou saída do meio rural destes/as jovens rurais. Ao mesmo tempo, os acomodam a um universo social hierarquizado: jovens empreendedores na Cooperalfa e jovens trabalhadores na Epagri, ou seja, a mesma cultura que une – todos são jovens rurais – os separa em dois critérios de classificação. Os mais distintos com marcadores de identidade de grupo social seguem um sistema cooperativo mais estável no mercado, por outro lado, aqueles com menos estabilidade material possuem disposição e abertura de aprendizado a alternativas produtivas variadas para se manterem no campo.

Visando um olhar para além das interpretações binárias sobre os/as agentes sociais participantes dos cursos analisados, recorre-se à concepção de “construção social” bourdieusiana, qual seja, a compreensão de que cada indivíduo é caracterizado por uma bagagem socialmente herdada, de saberes que podem ser transmitidos tanto em seu estado incorporado através do “habitus” pela herança familiar, quanto pelo conjunto de recursos em forma de capital cultural institucionalizado, como a aquisição de títulos

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

(escolares, técnicos, e outros) (BOURDIEU, PASSERON, 2008; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009).

Contudo, nessa dinâmica, o problema da reprodução social do sistema de ensino e, conseqüentemente, a ação educativa são colocados em discussão por Bourdieu e Passeron (2008), que defendem que toda ação pedagógica exerce um poder de violência simbólica, reconhecido em sua eficácia na ordem social a partir da qual se impõe como legítimo, por um arbitrário cultural. Dessa forma, do ponto de vista geracional a transmissão de saberes, anteriormente desempenhada pelas famílias, desloca-se para o domínio do Estado, na atribuição de definição de quais ações pedagógicas tornam-se legítimas (BOURDIEU, PASSERON, 2008).

Esse ponto culmina no estreitamento das relações entre a prática social, o mercado de trabalho e a escolarização. Por conseguinte, a ascensão dos mercados em todos os âmbitos da vida, a sua ampliação a nível global, assim como o avanço das tecnologias, têm como efeito uma demanda pela educação de grupos sociais menos privilegiados e uma maior democratização do sistema de ensino. Bourdieu (2008), em análise na França, destaca a constituição de um mercado linguístico, no qual a unificação do mercado e do ensino constitui a imposição de um sistema de oposições linguísticas sociologicamente pertinentes, no sentido de revelar e reproduzir no interior do discurso dominante (oficial) um conjunto de diferenças sociais (BOURDIEU, 2008).

Neste sentido, no contexto dos cursos para jovens, ambas as instituições assumem o papel de intermediação das novas ferramentas de gestão que integram em sua metodologia desde conhecimentos técnicos, operacionais e financeiros, até as questões relacionais com a família, comunidade, autoconhecimento e autogestão. Contudo, como vimos, na prática, destacam-se alguns elementos de distinção e hierarquias de posições sociais variadas na realidade estudada.

2.1 ANÁLISE ESPECÍFICA DA COOPERALFA: MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A PRODUÇÃO DE CONSENSO

Há uma diversidade de iniciativas de comunicação entre a Cooperalfa e o seu público. As atividades da Assessoria de Comunicação e Educação da cooperativa

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

Cooperalfa têm destaque no rádio, no Informativo Cooperalfa, além do Jornal O Cooperalfa que, em seu formato atual, se apresenta como revista, tanto no meio impresso quanto no online. Novas formas de comunicação também emergiram: plataformas nas mídias sociais, como o canal de YouTube, o Cooperalfa⁸, o *podcast* “Argumento” e o site “Cooperalfa” – mantido com notícias, reportagens e informações gerais para associados, atualizadas continuamente⁹. As estratégias destes espaços de comunicação – comumente associados ao cotidiano digital dos jovens, através de costumes e estilo de vida, temas de educação, alimentação e outros – acabam por oferecer poucas e esporádicas participações de jovens em reportagens sobre o curso de formação. A maioria das inserções, neste sentido, se dão na Revista O Cooperalfa, abordando temas que correspondem à economia e balanços da cooperativa, indicadores das safras por produção e os cuidados com monitoramento e técnicas aplicadas em determinadas propriedades. Temas que são intercalados com anúncios de empresas de insumos agrícolas, ração para animais, melhoramento genético e outros produtos relacionados ao cotidiano na agricultura. O programa de rádio, na transmissão do programa Informativo Cooperalfa, tem enorme peso na vida rural onde as pessoas, muitas vezes, não têm acesso a outro meio de comunicação que não seja um pequeno rádio. Já no *podcast* – que aborda os assuntos comumente publicados na Revista e no Informativo transmitido pelo rádio –, rara é a participação de jovens.

Entre a década de 1970 e fins de 1980 a Cooperalfa contribuía com jornais de divulgação da produção agropecuária catarinense¹⁰. Por volta de 1988, entra em circulação o Jornal Cooperalfa, como meio de divulgação e informação dos assuntos exclusivos da cooperativa e dos associados. É interessante mencionar que o estabelecimento do jornal/revista é um meio de comunicação e aproximação com seus/suas associados/as, de produção de memória da cooperativa e, por conseguinte, como se identifica em Bourdieu (2008) trata-se de um recurso de produção de consenso

⁸ <https://www.youtube.com/@Cooperalfaoficial/videos>

⁹ No canal de Youtube, há um conjunto de vídeos que reforça os laços e a presença das famílias associadas e seus filhos/as; dentre outras publicações, também estão as formaturas das turmas do Alfa Jovem. O *Podcast* Argumento aposta em novos formatos, em época de pandemia, no qual os episódios são mais longos do que o Rádio Informativo, na realização de entrevistas com profissionais do mundo rural e seus associados e dirigentes. Nos episódios 10 e 11 abrange casos de sucessão familiar de duas famílias cooperativas de Xaxim; e os episódios 19 e 20 mostram duas realidades de famílias de Coronel Freitas que trabalham com a produção de suínos.

¹⁰ Como o Jornal da Produção; o Jornal do Agricultor; e o Elo Cooperativo (FORNECK, 2015).

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

e que em suas práticas tem a intenção de formar um discurso e imaginário social de unidade. Como vemos, nas capas do Jornal/Revista O Cooperalfa é mostrado as figuras dos associados com sua família, de crianças e de jovens quando a edição tem reportagem especial sobre sucessão familiar, dos dirigentes e técnicos agrícolas, com imagens da lavoura ao fundo, fotos e reportagens de eventos comemorativos, como o aniversário da Alfa, o Campo Demonstrativo Alfa (CDA), as assembleias com líderes e assim por diante; a imprensa conta com jornalistas rurais, colunas e editoriais ocasionalmente escritas por seus colaboradores. Nesse sentido, ao considerar o público da juventude rural, pouco se remete às suas singularidades, como hábitos, arte e lazer, exceto sobre a visão do trabalho na agricultura, estratégias de sucessão familiar e participação em viagens com a finalização do curso Alfa Jovem.

Mais especificamente sobre o tema da sucessão familiar, é possível destacar algumas abordagens. Primeiramente, percebe-se que é através da memória e da história da instituição que a cooperativa evoca seus valores. A este respeito, Bourdieu (2006)¹¹ já havia estudado em suas análises os efeitos poéticos mobilizados pela propaganda de casas no mercado de casas próprias. Aqui, também, há uma mobilização emocional em torno da família. Por exemplo, as fotos de famílias abraçadas no campo, em meio às suas plantações é uma constante no Jornal/Revista O Cooperalfa, como a mobilização de imagens e textos da parceria na profissão de agricultor entre pai e filho (Revista O Cooperalfa, junho, 2011; 2017), e uma capa com um casal de idosos ao lado da frase: “Família unida, sociedade estruturada”, com um editorial que faz apelo à sucessão familiar, trazendo a ideia de que “a cooperativa começa na família” (Jornal O Cooperalfa, junho, 2010). São constantes a mobilização discursiva e a imagética nestes meios de comunicação relacionando o/a jovem que vive no meio rural com sua permanência como algo natural, que faz parte da ordem das coisas (BOURDIEU, 2004a). No canal de YouTube, há um conjunto de vídeos da cota capital que contemplam diálogos entre pai e filho; neta e avô; irmã e irmão, parceria entre vizinhos. Igualmente, vídeos publicados do evento CDA, onde se nota a forte presença das famílias associadas e seus filhos/as. De novo, raras são as postagens sobre a opinião dos

¹¹ Bourdieu (2006) afirma que o Estado mobilizava um apelo simbólico com relação à casa como lar ao associar a ideia de família atrelada ao imóvel próprio.

jovens ou sobre seus dilemas. Como, por exemplo, o diálogo sobre seus anseios e dificuldades diante do mercado da atividade agrícola¹², suas dinâmicas de socialização inseridas na relação e conexão com as novas tecnologias e demandas de trabalho ou outros assuntos que estão na agenda da geração atual, como diz Stropasolas (2006), pautas que estão “no horizonte dos jovens”, seja de cunho estrutural e/ou subjetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das fontes e material utilizado, foi possível reconhecer que há uma tensão geracional na medida em que o dilema da sucessão familiar passa a ser uma questão de negociação e/ou de conflito entre as práticas tradicionais *versus* inovadoras, devido aos esquemas de percepção diferentes entre pais e filhos/as com relação à profissão de agricultor/a e ao mercado agropecuário.

Por conseguinte, os cursos de capacitação para jovens lideranças rurais, enquanto processos educacionais são precursores na contribuição para a construção de significados em comum numa matriz socializadora dos/das jovens no mercado de trabalho e nas suas práticas sociais, principalmente, àqueles/as que pretendem garantir a continuidade com a empresa familiar e sob a perspectiva de desenvolvimento orientada ao agronegócio.

Estas instituições assumem um papel de intermediação ao propor novos agenciamentos e ferramentas de gestão que constituem parte das metodologias dos cursos, que incluem conhecimentos técnicos, operacionais, de controle financeiro e desenvolvimento pessoal – como relacionamento familiar, oratória e inteligência emocional. Ao mesmo tempo em que acrescentam forte apelo à permanência dos/as jovens nas atividades agrícolas, reforçam o interesse da continuidade e manutenção do próprio mercado agropecuário catarinense e do sistema cooperativo.

Por meio dos contextos institucionais a visão empreendedora é incluída estrategicamente pelos diversos veículos de comunicação aos/as agricultores/as familiares e, aventada à juventude rural participante nos cursos analisados.

¹² O que nos remete, entre outras coisas, às possibilidades de diálogo com os pais e família, vez que o/a jovem deseja e precisa de espaço para negociação e participação no planejamento e decisões da empresa familiar rural – vale dizer que tais aspectos nos levam a almejar novas pesquisas.

Compreende-se que na mobilização discursiva são utilizados dispositivos sociais e econômicos no sentido de enquadrar a perspectiva do empreendedorismo rural como única via solucionadora da crise geracional.

Desta maneira, existe um conjunto de diferenças sociais, econômicas e político-culturais que aparecem nas práticas discursivas e exercem poder simbólico no processo de socialização destes/as jovens, que mesmo não reconhecido declaradamente, promove divisão do perfil do público em questão. Assim, se observam os critérios de distinção sobre o universo rural nos processos educacionais citados que, ao mesmo tempo em que unificam, separam a juventude a partir de formas de inserção e posições sociais diferentes no mercado (BOURDIEU, 2008).

Neste estudo, pode-se evidenciar que: há maior diversificação de nichos de mercado no curso ofertado pela Epagri, com uma abordagem que supera as características da gestão empreendedora, sugerindo maiores possibilidades de inclusão produtiva e de práticas sustentáveis. Quanto à cooperativa Cooperalfa, suas opções são mais consolidadas em termos de atuação no mercado, priorizando a linguagem com ênfase no mercado e no agronegócio, dispondo ao jovem duas frentes possíveis, que podem ser alternativas ou intercambiáveis: a continuidade da empresa rural familiar e/ou o desbravamento de possibilidades dentro das opções oferecidas pela cooperativa. Citam-se: a produção de milho, soja, trigo, feijão, leite, suínos e avicultura; a produção de sementes, rações e suplementos; e outros espaços com oportunidades de atividade fora do meio rural, como as redes de supermercados, lojas agropecuárias, postos de combustíveis. Ademais, as possibilidades para este público jovem encontram-se também nos complexos agroindustriais da cooperativa Aurora e do banco Sicoob Maxi Crédito, estas duas instituições cooperativas parceiras institucionais da Cooperalfa.

Em uma via, tem-se que o programa Alfa Jovem traz menos flexibilidade no processo de ação educacional e nos temas desenvolvidos, aportando maior foco nos valores empresariais e de gestão dos ramos de atuação já estabelecidos pela cooperativa, visando fortalecer os valores da doutrina cooperativista. O foco é no perfil de jovens cujas famílias já possuem estabelecimento empresarial familiar com estabilidade. Essa condição indica maior predisposição a melhorias materiais e organizacionais na empresa rural familiar. Por conseguinte, o sistema cooperativo assegura ao/a jovem maior

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

distinção social no mercado agropecuário competitivo. Já em outra via, tem-se a ação educacional do programa Ação Jovem Rural que anuncia maior liberdade e autonomia no mercado, ainda que estes/as cursistas sejam acompanhados pela extensão rural da Epagri. De modo geral, estes/as jovens enfrentam maiores dificuldades financeiras para investimento na propriedade familiar. Assim, recebem incentivos tanto pela extensão rural, como também para investir em seus empreendimentos.

Outro aspecto que merece destaque é a utilização de um discurso de pertencimento, não apenas de base familiar, bem como de comprometimento com a cooperativa enquanto um indivíduo cooperativo, o que reforça o apelo à sucessão familiar, e nos termos de Bourdieu (2004b; 2008) se entende como algo natural e que está na ordem das coisas. De modo indireto, esta prática produz o consenso e opera no prolongamento e na manutenção da própria instituição. Por sua vez, o curso da Epagri também realiza intervenções que fazem alusão à sucessão familiar. Entretanto, o que está em jogo é o fortalecimento e a continuidade da estrutura da agricultura de base familiar mais do que a perpetuação em determinado sistema cooperativo.

Desse modo, a intenção de construção social de um novo perfil de jovens que trabalham no meio rural e a transformação da agricultura em curso surgem mobilizadas nos discursos dos agentes dos contextos institucionais estudados, ao relacionar a sucessão familiar como algo natural nos empreendimentos rurais de base familiar. Em vista disso, seguindo as pistas de Bourdieu (1989) os resultados apontam que existe uma violência simbólica que adequa os/as jovens a uma posição previamente estabelecida.

Em última análise, há um peso significativo na educação dos jovens nos cursos observados, além do peso dos meios de comunicação das instituições – rádio, jornal, revista, canais do YouTube, *podcast* –, sobretudo na organização cooperativa. Nos processos de formação e nas mídias sociais analisadas, compreende-se um enaltecimento do cooperativismo e da agricultura de base familiar e seus impactos ao aderir a determinadas ferramentas e práticas de gestão. Contudo, no decorrer da formação, pouco se vê ou não se expressa quem são os/as jovens nomeados/das como “rurais”. Dessa forma, são silenciadas e/ou invisibilizadas, nas práticas discursivas, as atividades típicas da juventude, como música, atividades culturais e de lazer, entre outros, em sentido próximo ao demonstrado por Bourdieu e Passeron (2008) de que

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

todo processo educacional ou ação educativa exerce um poder de violência simbólica e, por ser entendido como legítimo na ordem social, dissimula algumas relações de forças, de dominação de um grupo sobre outro.

No decorrer deste trabalho, e em consonância com Bourdieu (2004b), observou-se que por seus conteúdos e organização, estas iniciativas de educação não formal tanto unem quanto separam jovens de diferentes estratos sociais. E, de igual maneira, mantêm na invisibilidade estes/as jovens, seus anseios e preferências. Em vista disso, o problema da saída dos/das jovens das atividades rurais deve ser tratado para além das limitações econômicas e, especialmente, em termos de poder simbólico (BOURDIEU, 1989), o qual silencia diferentes expressões desses e dessas jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo (coord.) *et al.* **Juventude e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: Unesco, 1998.

ALMEIDA, Ana Maria F. Herança Cultural. In: CATANI, Afrânio M. *et al.* (orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Alfa discute relação com 4 mil casais. **Jornal O Cooperalfa**, ano XXI, nº 257, p.4-5, junho de 2010.

BOURDIEU, Pierre [1983]. A “juventude” é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **As estruturas sociais da economia**. CALAPEZ, L.; SIMÕES, P. (Trad.). Porto: Campo das Letras, 2006.

BOURDIEU, Pierre [1998]. **A dominação masculina**. (KUHNER, M. H. Trad.) 7ª edição. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O Senso Prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas**: O que Falar Quer Dizer. 2ªed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução** – Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004a.

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Editora Zouk, 2004b.

BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRUMER, Anita. A Problemática dos Jovens Rurais na Pós-modernidade. In: **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBOSA, Roseli Azambuja. **Ponto de vista das filhas sobre sucessão na propriedade rural familiar**: uma análise a partir da Q-methodology. 2018. 69 f. Tese (Doutorado) – Curso de Mestre em Agronegócios, Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2018.

Cooperalfa já formou mais de 700 jovens lideranças. **Revista O Cooperalfa**. Ano XXVIII, nº 340, p. 20-22, junho de 2017.

CHAMPAGNE, Patrick. **L'héritage refuse** : La Crise De La Reproduction Sociale De La Paysannerie En France 1950-2000. Paris: Points, 2002.

CASTRO, Elisa G. *et al.* **Os Jovens Estão Indo Embora?** Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica: EDUR, 2009.

Família também se administra. **Jornal O Cooperalfa**. ano XXI, nº 268, p. 4-5, junho de 2011.

FLIGSTEIN, Neil. Habilidade social e a teoria dos campos. In: **Revista de Administração de Empresas**. vol. 47, n. 2, p. 61-80, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v47n2/v47n2a13.pdf>. Acesso em: 08/10/2019.

FLIGSTEIN, Neil. Mercado como política: uma abordagem político-cultural das instituições de mercado. **Revista Contemporaneidade e Educação**, ano VI, n. 9, p. 26-55, 2001.

FORNECK, Elisandra. **Formar um Novo Sujeito**: educação técnica e cooperativa na Cooperalfa (1977-1996). 2015. 348 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169438/338135.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 ago. 2019.

GARCIA, Marie-France. Grupo doméstico e estratégias de conversão: o caso da vinicultura francesa. **Revista Pós Ciências Sociais**: Dossiê Sociologia Econômica, São Luís, v. 7, n. 13, p. 13-42, 2010. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/147/2746>. Acesso em: 01 out. 2019.

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

GERBER, R. **Narrativas sobre a Ação Jovem Rural na Epagri – 2012-2016: depoimentos e imagens.** Florianópolis: Epagri, 2016.

HANDFIELD, Mario; JEAN, Bruno; PARENT, Diane. L'insuccès de la transmission de la ferme familiale: perspectives parentales. In: JEAN, Bruno; LAFONTAINE, Danielle (org.) **Territoires et fonctions.** Tome 2: Des pratiques rures paradigmatiques: Lês systèmes régionaux et les dynamiques d'innovation en débats. Rimouski, Québec, Canada: GRIDEQ, 2005.

IBGE INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRÁFICO ESTATÍSTICO. **Censo Agropecuário 2006 – Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação.** Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

IBGE INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRÁFICO ESTATÍSTICO. **Censo Agropecuário 2017 – Resultados Definitivos.** Rio de Janeiro: IBGE. v.8, 2019.

MARCONDES, Tabajara *et al.* As mudanças estruturais na Agricultura Catarinense: análise a partir dos censos agropecuários. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina: 2017-2018,** Florianópolis, p. 7-20, 2019. Disponível em: <https://publicacoes.epagri.sc.gov.br/SAA/article/view/517>. Acesso em: 10 nov. 2019.

MAZON, Marcia da Silva. Extensão Rural em Perspectiva Sociológica. **Revista del CESLA,** Universidade Warszawaki, Varsóvia, Polônia, n. 19, p. 9-31, 2016.

MIOR, Luiz Carlos. **Agricultores Familiares, Agroindústrias e Redes de Desenvolvimento Rural.** Chapecó: Editora Argos, 2005.

NOGUEIRA, Cláudio M. M.; NOGUEIRA, Maria Alice. Bourdieu e Educação. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

OLINGER, Glauco. **Aspectos históricos da Extensão Rural no Brasil e em Santa Catarina.** Florianópolis: Epagri, 2020.

RENK, Arlene. **A Luta da Erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense.** 2. ed. Chapecó: Editora Argos, 2006.

SILVESTRO, M. L. *et al.* **Os impasses sociais da sucessão hereditária na 1) agricultura familiar.** Florianópolis: Epagri; Brasília: NEAD/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

SILVA, Claiton Marcio da. **Saber, Sentir, Servir e Saúde: a construção do novo jovem rural nos clubes 4s, SC (1970-1985).** 2002. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/83610/189082.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 set. 2019.

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57

SILVA, Antônio Waldimir L. Sustentabilidade no Agronegócio e sucessão familiar: uma abordagem baseada na visão de estudantes de escolas agropecuárias do Oeste de SC. **III CONEA/VI CETASC/XI ENEASC. Educação Profissional com Ética e Responsabilidade**. IFC: Concórdia, 24 de maio de 2018. Disponível em: <http://conea.com.br/wpcontent/uploads/2018/03/AntonioWaldemir1.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SPANEVELLO, Rosani M., *et al.* Estratégias paternas para a manutenção da sucessão geracional em propriedades rurais. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 413-433, jun. 2020.

STROPASOLAS, Valmir. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.

WACQUANT, Loic. Habitus. In: CATANI, Afrânio M. *et al.* (orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

WEBER, Max. **A ética e o “espírito” do capitalismo**. MACEDO, José M. M. (Trad.); PIERUCCI, Antônio F. (Ed.). 12. reimp. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

Recebido em: 10/01/2023 Aprovado em: 08/03/2023
--

Ferramentas de gestão, empreendedorismo rural e ações pedagógicas: demanda ou alternativa à juventude – Neivânia Theodoro – p. 34-57